

Literaturas Africanas em Língua Portuguesa

Dejair Dionísio

Sumário

- Introdução
- Regresso - Amílcar Cabral
- Coração - Francisco José Tenreiro
- Mãe África
- As línguas
- Em que Língua Escrever - Odete Semedo
- Sobre o colonialismo
- Poema - coleção Sangue negro - Noêmia de Souza
- Termos importantes para a compreensão dos textos
- Negridade
- Négritude (em francês)
- Négritude (no Brasil)
- Negrícia
- Bibliografia Sugerida
- Referências



“Se alguém há de nos fazer mal,
é quem está aqui entre nós.”
Amílcar Cabral

Introdução

A Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino brasileira a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” a ser ministrada nas diferentes disciplinas, com ênfase na Literatura, na História Brasileiras e na Educação Artística. Os conteúdos referentes à História da África e dos africanos, à luta dos negros no Brasil, à cultura negra brasileira e à contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política na constituição do projeto-nação, até então subestimados na educação formal dos brasileiros, tornam-se, hoje, pedras angulares na constituição da cultura média das crianças e dos jovens, desafiando seus professores também quanto ao domínio de novas informações e ao desenvolvimento de atitudes que favoreçam o reconhecimento da participação da cultura africana na modernidade. Neste bojo, o combate a toda forma de reprodução do racismo na sociedade.

A partir desse contexto, percebe-se a forma como os escritores posicionam-se diante da representação do homem e mulher negros. Posição esta que mudou e muda com o passar do tempo, uma vez que novos contextos desencadearam formas outras para se analisar tais personagens.



Sendo assim, poder-se-ia observar o contemporâneo a partir da Segunda Guerra Mundial, da Revolução Chinesa, da Queda do Muro de Berlim, do fim do *Apartheid* na África do Sul ou pela contagem de épocas, como no escape de estudantes em 1960-70, o boicote africano à Copa do Mundo em 1966 ou o fim das ditaduras nas Américas nos idos anos 1980, além da libertação dos países africanos em guerras coloniais? Então, o que é atual se torna um problema para o contemporâneo, pois, passados quase 40 anos, poderia não ser atual. Pode-se dizer que o moderno se associa ao contemporâneo, sendo uma aceleração do moderno e do capitalismo científico, relacionado à Agamben (2009), que propõe ser o contemporâneo, qualquer época associada a algo que diz respeito a ela.

Pensar esse contemporâneo conduz, diretamente, aos escritores africanos de Língua Portuguesa, lugar em que se visa demonstrar como as narrativas dos personagens, alocação de espaço, agenciamentos culturais e valores civilizatórios sobressaem como uma categoria específica a ser visitada, em sociedades que, como bem pontuou Mário de Andrade no poema *Garoa de meu São Paulo*, todos são brancos, quando pensamos na ex-colônia Portugal.

Portanto, os registros referentes à representação do sujeito negro nas obras de autores africanos de Língua Portuguesa, que trazem a marca da diferença como distintivo, uma vez que é outro olhar literário, fazem emergir discursos que se colocam do lado contrário do instituído, demonstrando como este sujeito, o africano – mesmo quando aviltado em sua humanidade, consegue sobrepujar as adversidades históricas e construir formas de permanência, sobretudo quanto à identidade



cultural. E no que se refere a essa cultura, vem a ser presença imprescindível para se entender a constituição desse segmento humano e seus mecanismos desenvolvidos para continuar trilhando nas tortuosas e generalizantes noites ocidentais.

Na busca durante a marca de sua expressão particular, procurando se afastar das noites ocidentais (colonialismo, exploração e escravidão) nos cinco países que compõem o enredo literário aqui evocado: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, as literaturas africanas em língua portuguesa, primeiro anunciam uma consciência regional, depois refletem uma consciência política, para, em seguida, determiná-las numa estrutura ideológica própria. Antecipam-se à luta armada ocorrida no momento de conquistas das independências - entre 1961 e 1975, como que a pré-anunciam na forma de textos, e latente se mantém nos mais esclarecidos produtores a integração devotada no mundo real da transformação, a caminho da liberdade futura e total. É uma literatura de protesto, de militância revolucionária, plasmada do sentimento nacional de quem é explorado, reprimido e colonizado.

É uma literatura constituída, notadamente a poesia, que lança com frequência o seu apelo à Mãe-África, à Mãe-Negra, à Mãe-Terra (Cabo Verde), como se observa na construção poética intitulada *Regresso*, de Amílcar Cabral:



Regresso - Amílcar Cabral

Mamãe Velha, venha ouvir comigo
o bater da chuva lá no seu portão.
É um bater de amigo/que vibra dentro do meu coração.
A chuva amiga, Mamãe Velha, a chuva,
que há tanto tempo não batia assim...
Ouvi dizer que a Cidade-Velha,
- a ilha toda -
Em poucos dias já virou jardim...
Dizem que o campo se cobriu de verde,
da cor mais bela, porque é a cor da esperança.
Que a terra, agora, é mesmo Cabo Verde.
- É a tempestade que virou bonança...
Venha comigo, Mamãe Velha, venha,
recobre a força e chegue-se ao portão.
A chuva amiga já falou mantenha
E bate dentro do meu coração! (Cabral, 1978, p. 26)





Amílcar Cabral (1976) afirma que a poesia que se escrevia em Cabo Verde caracterizava-se por um desprendimento quase total do ambiente, sublimando-se numa expressão poética que nada tinha em comum com a terra e o povo do arquipélago. Os poetas da geração de 1930 esqueceram-se da terra e do povo. De olhos fixos nos clássicos europeus, os escritores produziam uma poesia em que o amor, o sofrimento pessoal, a exaltação patriótica e o saudosismo eram traços comuns. Muito próximo do neorrealismo português. O grande passo da virada temática foi dado em 1936, por um grupo de intelectuais que lançou a revista *Claridade* e podem ser indicadas como presenças literárias fortes dentro do movimento dos “Claridosos”.

A poesia é, também, à exortação do homem negro, numa identificação coletiva e nela, permanente, o protesto, a fraternidade racial, a acusação. É uma literatura localizada, mas ecumênica, embora por várias razões, nem sempre conseguiu furtar-se ao círculo das zonas urbanas (os seus autores ainda são, quase todos, homens urbanizados) e ir beber lá onde as estruturas sociais africanas mantêm a raiz de uma tradição milenar.

Francisco José Tenreiro, poeta santomense, foi militante de movimentos sociais, políticos e literários, considerado um dos marcos da literatura africana de língua portuguesa. Inspirava-se principalmente em poetas americanos negros. Sua poesia ressalta a cor da pele e retrata o cotidiano do homem negro africano. Quando se alude acima, à exortação, observe-se sua poesia “Coração”:



Coração - Francisco José Tenreiro

Caminhos trilhados na Europa
de coração em África.

Saudades longas de palmeiras vermelhas verdes amarelas
tons fortes da paleta cubista
que o sol sensual pintou na paisagem;
saúde sentida de coração em África

ao atravessar estes campos do trigo sem bocas
das ruas sem alegria com casas cariadas
pela metralha míope da Europa e da América
da Europa trilhada por mim negro de coração em África.
De coração em África na simples leitura dominical
dos períodos cantando na voz ainda escaldante da tinta
e com as dedadas de miséria dos arduos das cidades
[boulevards e baixa da Europa
trilhada por mim Negro e por ti ardida
cantando dizia eu em sua voz de letras as melancolias do
[orçamento que não equilibra

(...)

Caminhos trilhados na Europa
de coração em África.

De coração em África com o grito seiva bruta dos poemas
[de Guillén

de coração em África com a impetuosidade viril de I tó
[am América

de coração em África com as árvores renascidas em
[todas estações nos belos poemas de Diop

de coração em África nos rios antigos que o Negro

[conheceu e no mistério do Chaka-Senghor
de coração em África contigo amigo Joaquim quando em
[versos incendiários

cantaste a África distante do Congo da minha saudade do
[Congo de coração em África

de Coração em África ao meio-dia do dia de coração em
[África

com o Sol sentado nas delícias do zênite



reduzindo a pontos as sombras dos Negros.
Amodorrando no próprio calor da reverberação os mos-
[quitos da nocturna picadela.
De coração em África em noites de vigília escutando o
[olho mágico do rádio
e a rouquidão sentimento das inarmonias de Armstrong.
De coração em África em todas as poesias gregárias ou
[escolares que zombam
e zumbem sob as folhas de couve da indiferença
mas que têm a beleza das rodas de crianças com papagaios
[garridos
e jogos de galinha branca vai até França
que cantam as volutas dos seios e das coxas das negras e
[mulatas
de olhos rubros como carvões verdes acesos.
De coração em África trilho estas ruas nevoentas da cidade
de África no coração e um ritmo de be bop be nos lábios

(...)
Deixa-me acreditar no grito de esperança lançado pela
[paleta viva de Rivera
E pelos oceanos de ciclones frescos das odes de Neruda;
deixa-me acreditar que do desespero másculo de Picasso
[sairão pombas
que como nuvens voarão os céus do mundo de coração
[em África. (Tenreiro, 1967, p. 14)

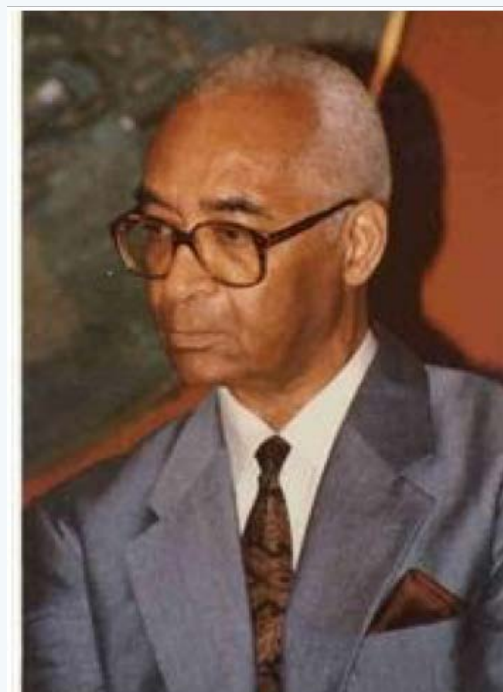
Importante ressaltar os diálogos existentes na poesia de Tenreiro, atuais até a presente data, como se fossem escritas a partir da pertinência do momento, de um devir, dialogando com obras clássicas de outras culturas, mas que se figuram importantes, ao se observar como os sujeitos afro diaspóricos se encontram a partir de suas condições africanas.

No poema, ainda observa-se a tradução de povos que, sangrando e germinando (usando os argumentos de Agostinho Neto) se libertam de uma insidiosa noite de 400 anos. Mas a maravilha está aí dentro dos olhos. De literatura humilhada anteriormente, com dificuldades de se afastar da forma portuguesa, se transfor-



mou em força criadora gloriosa. De anunciação se transformou em assunção. Da dor de ser negro em Costa Alegre (século XIX): “Todo eu sou um defeito”, se transistou, na hora em que se morre de pé pela liberdade, para: “Oh! meus belos e curtos cabelos crespos[...] Oh!!! e meus dentes brancos de marfim puros brilhando na minha negra reencarnada face altiva” (José Craveirinha, poeta moçambicano).

Convém ler Vasco Cabral, primeiro presidente da Guiné-Bissau, que é certamente o escritor da geração de 1960, com a maior produção poética e o poeta guineense que maior número de temas abordou. Não por isso, sua obra é conhecida. Costuma não ser lido ou visto em outros manuais de literatura em língua portuguesa. A obra passa do oprimido à luta, da miséria à esperança, do amor à paz e à criança.... Inicialmente com uma abordagem universalista, a obra orienta-se, a partir dos anos 1960 para a realidade guineense. Veja-se o poema:



Mãe África

Vexada
Pisada
calcada até às lágrimas confia e luta
e um dia a África será nossa...

África! Ergue-te e caminha, (Gama, 1990, p. 49)



As línguas

São várias as línguas-mãe na Guiné-Bissau, Angola e Moçambique. São Tomé e Príncipe e Cabo Verde são espaços bilingues: a língua portuguesa e o crioulo. O crioulo é ainda uma das línguas da Guiné-Bissau. Nos textos, o crioulo toma normalmente a designação de língua para a Guiné-Bissau e Cabo Verde, enquanto para São Tomé e Príncipe o nome de *forro*, parece que um tanto controversamente, quiçá pela carga que a palavra adquiriu no período colonial, e ainda porque nesse período o *forro* tinha a predominância da utilização nas classes populares porque muitos dos utentes não falavam a língua portuguesa, na qual uma certa burguesia mestiça ou negra procurava exprimir-se. Com a independência o crioulo adquiriu, em absoluto, a cidadania, em todos os níveis sociais.

A língua portuguesa foi instituída pelos governos dos cinco países africanos anteriormente colonizados como língua oficial, a única que era privilegiada com o ensino escolar, prática que os movimentos de libertação já haviam introduzido, inclusive sendo ela o veículo de esclarecimento e informação política, escrita ou radiofônica. Os jovens países estão conscientes de que a língua portuguesa, tal como sucedeu no Brasil, tornou-se em língua de Angola, de Moçambique, da Guiné-Bissau, de Cabo Verde, de São Tomé e Príncipe, apesar do número aproximado de quase 330 línguas que compõem o mosaico linguístico da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP-, acrescentando aqui, o Brasil, Portugal, Timor Leste e a Guiné Equatorial. Assim, observe-se a poética da escritora guineense:



Em que Língua Escrever - Odete Semedo

Em que língua escrever
as declarações de amor?
em que língua contar as histórias que ouvi contar?
... Falarei em crioulo?
Falarei em crioulo!
mas que sinais deixar aos netos deste século?
ou terei que falar nesta língua lusa
e eu sem arte nem musa
mas assim terei palavras para deixar...
(Semedo, 1996, p. 11).



A par do que Semedo anuncia, a partir dos anos 1980, surge uma nova geração de escritores, cujo ecletismo é a característica mais marcante. Preocupam-se em desvincular a língua portuguesa da tradição europeia. À moda da poesia de Semedo, foi o primeiro passo dado por autores que ansiavam encontrar a palavra precisa, transgressora e fundadora de um novo lirismo com marcas próprias. Os escritores da nova poética inserem em suas poesias aspectos característicos dos



falares do povo. A língua portuguesa distanciada da matriz, aclimatada em solo africano, sofre a distensão necessária para viabilizar a escrita poética em vários sentidos. Esse mecanismo propicia os desvios que consolidam a produção de uma literatura que transgride os modelos europeus para se afirmar intensamente africana. Nesse contexto, a poesia faz circular os saberes. Desloca do espaço do poder a língua que regula a história humana, dando-lhe uma nova roupagem, para imprimir os vários sentidos visados.

Sobre o colonialismo

Os colonialistas portugueses ocuparam a terra africana, desde meados de 1454, ao aportarem nas costas da Ilha de Santiago, em Cabo Verde e, como estrangeiros, exerceram uma força sobre aquela sociedade recém-formada. Observe o que o escritor Armênio Vieira, caboverdiano, escreve na abertura do romance:



Como um outro negro começasse a bater com força no seu tantã, o facto foi interpretado como sinal de guerra, pelo que um dos homens do Infante lhe apontou o arcabuz, abatendo-o com um tiro. Os negros, aterrados, compreenderam então que os brancos não estavam ali para brincar. Pegando nas enxadas, pás e picaretas, puseram-se a trabalhar. Com sucesso, diga-se em abono da verdade, uma vez que, pouco tempo depois, no meio daquele deserto de pedra, nasceu e prosperou a primeira cidade portuguesa do Ultramar: *Ribeira Grande*. (Vieira, 2000, p.117-119)



Foi assim, que, via literatura, a narrativa de existência do que se conhece, hoje, como um país livre composto por dez ilhas, considerando o Ilhéu dos Pássaros (desabitado), ao lado de Santa Luzia, Santo Antão, Ilha de São Vicente, Ilha de Santiago, Ilha do Fogo, Ilha da Boa Vista, Ilha Brava, Ilha do Maio, Ilha de São Nicolau e Ilha do Sal viram os invasores travestidos de colonizadores tomarem o destino nas mãos, fez com que parassem a história caboverdiana para ficarem ligados à história de Portugal, como se fossem a carroça que puxa o comboio de Portugal.

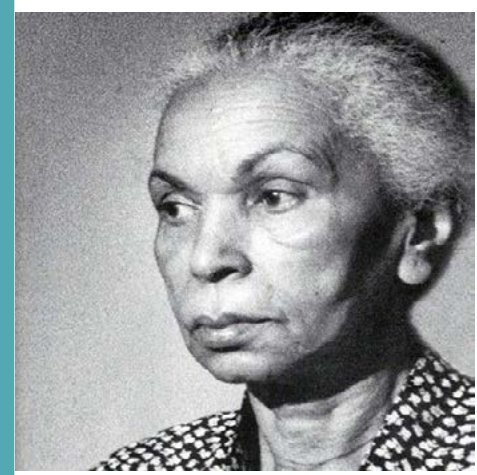
Outra série de condições dentro daquela terra foram criadas, como as econômicas, sociais, culturais etc. desvirtuando o sujeito daquelas localidades africanas, para um deslocamento. Durante os séculos XIII e XIV fizeram uma guerra de subjugação contra o povo; guerra contra manjacos, contra papéis, contra fulas, contra mandingas, beafadas, balantas, contra felupes, contra quase todas as tribos do outro país, a Guiné-Bissau. Em Cabo Verde, os colonialistas portugueses encontraram o espaço deserto, na altura em que apareceu a grande exploração de homens africanos, conhecida hoje como o Atlântico Negro, levando-os a serem escravos no mundo, dada a situação importante de localização geográfica de Cabo Verde - em pleno Oceano Atlântico, fazendo de Cabo Verde um armazém de escravos. Pessoas levadas do continente africano, nomeadamente da Guiné, de Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe, foi realocada em Cabo Verde, como escravos.

Em Moçambique, três fases literárias foram importantes. A fase colonial, a fase nacional e a fase pós-colonial. Na fase colonial destacam-se, como precursores da literatura moçambicana, autores como Rui de Noronha, João Dias, Augusto Conra-



do e Luís Bernardo Honwana. A poesia reveste-se de pioneirismo, não pela forma, mas pelo conteúdo, uma vez que alguns dos sonetos mostram sensibilidade para a situação dos mestiços e negros, o que constitui a primeira chamada de atenção para os problemas resultantes do domínio colonial. Rui de Noronha representa também uma das primeiras tentativas de sistematizar, em termos literários, o legado da tradição oral africana. A fase nacionalista caracteriza-se pela produção de uma literatura política e de combate, que foi cultivada, sobretudo, por escritores que militavam na Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Entre eles destacam-se Marcelino dos Santos, Rui Nogar e Orlando Mendes. A literatura preocupa-se especialmente em comunicar uma mensagem de cunho político e, algumas vezes, partidário. E por fim, a fase pós-colonial que se caracteriza por afastar-se do viés coletivo. Os autores assumem um tom individual e intimista para relatar a experiência pós-colonial. Entre os escritores destacam-se Ungulani Ba Ka Khosa, Mia Couto, Luís Carlos Patraquim, Paulina Chiziane, Suleiman Cassamo e Lília Momplé.

No contexto literário de Moçambique a autora Noêmia de Souza chama a atenção por ser ativa na produção de poemas engajados, que questionam sempre as estruturas sociais de repressão sobre a mulher, o que Paulina Chizane fará posteriormente e versará também, sobre o processo de independência de Moçambique. Noêmia representa, assim, a coragem da mulher africana em reivindicar os direitos à liberdade e ao ideal de nação africana, bastante presente em vários outros escritores. Autora contemporânea que se consagrou como escritora da poesia combativa, retrata na poesia vários traços do processo de libertação política de Moçambique. Abaixo o poema que pertence à coletânea *Sangue negro* intitulado “Poema”, escrito em 20/10/1949:



Poema - coleção Sangue negro - Noêmia de Souza

Bates-me e ameaças-me
Agora que levantei minha cabeça esclarecida
E gritei: 'Basta!' [...] Condenas-me à escuridão eterna
Agora que minha alma de África se iluminou
E descobriu o ludíbrio. E gritei, mil vezes gritei: _'Basta!'.
Armas-me grades e queres crucificar-me
Agora que rasguei a venda cor-de-rosa
E gritei: 'Basta!'

Condenas-me à escuridão eterna Agora que minha
alma de África se iluminou E descobriu o ludíbrio..
E gritei, mil vezes gritei: _Basta!_

Ó carrasco de olhos tortos,
De dentes afiados de antropófago
E brutas mãos de orango:

Vem com o teu cassetete e tuas ameaças,
Fecha-me em tuas grades e crucifica-me,
Traz teus instrumentos de tortura
E amputa-me os membros, um a um...

Esvazia-me os olhos e condena-me à escuridão
eterna... –
que eu, mais do que nunca,
Dos limos da alma,
Me erguerei lúcida, bramindo contra tudo:
Basta! Basta! Basta!" (Sousa, 2016, p. 54)

Como característica, Noêmia traz na poesia a desenvoltura das vozes narrativas que sugerem o desejo de libertação ideológica, o discurso poético carregado de traços de oralidade e um eu-lírico que se difunde em um grito universal. Observa-se o então colonial estado de Moçambique sendo acordado pela necessidade de almejar a independência, alterando o eu-lírico momentos de discussão do caráter feminista nos versos e de discussão do poder emancipatório que a África, continuamente, tem na composição de útero da Terra.



Termos importantes para a compreensão dos textos

Negridade

A palavra se forma a partir de negro + -idade, sufixo latino que significa qualidade, maneira de ser, estado, propriedade.

Négritude (em francês)

Criada pelo poeta martinicano Aimé Césaire, a palavra aparece pela primeira vez em *Cahier d'un retour au pays natal* (1939), considerado por André Breton como um dos maiores monumentos líricos em língua francesa, espécie de meditação poética e política, nas quais se entrelaçam, entre ruptura e programa, os fios de uma experiência pessoal e da existência torturada de uma raça. Na obra, a palavra *négritude* aparece com três sentidos:

a) o povo negro ("Haïti où la négritude se mit debout pour la première fois..."); b) o sentimento ou a vivência íntima do negro ("[...] ma négritude n'est pas une pierre, sa surdité ru  e contre la clameur du jour / ma négritude n'est pas une taie d'eau morte sur l'oeil mort de la terre / ma négritude n'est ni une tour ni une cathédrale [...]); c) a revolta e a consterna  o ("je dis hurrah! La visible négritude progressivement se cadav  rise...") (Damato, 1996, p. 116).



Em tradução literal: a) “Haiti, onde a negritude ficou de pé pela primeira vez...”; b) “[..] minha negritude não é uma pedra, sua surdez lançada contra o clamor do dia / minha negritude não é a catarata de águas mortas no olho morto da terra / minha negritude não é torre nem catedral [...]”; c) “eu digo hurra! A visível negritude progressivamente se cadaveriza...”.

Negritude (no Brasil)

A palavra esteve ausente dos dicionários brasileiros até 1975, data em que foi consagrada como termo corrente da língua portuguesa a partir da primeira edição do Dicionário Aurélio, no qual se encontra, sem indicação de datas ou etimologia, a definição mantida até hoje:

1. Estado ou condição das pessoas da raça negra; 2. Ideologia característica da fase de conscientização, pelos povos negros africanos, da opressão colonialista, a qual busca reencontrar a subjetividade negra, observada objetivamente (sic) na fase pré-colonial e perdida pela dominação da cultura branca ocidental.!

Negrícia

A palavra não consta dos dicionários consultados. O Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa assinala a seguinte derivação: de negro + -ícia, sufixo latino, feminino de -ício = qualidade, propriedade, maneira de ser. No *corpus*, observa-se a primeira ocorrência em “O novo Cruz e Sousa”, prefácio de Tristão de Athayde à obra *Gestas Líricas da Negritude*, de Eduardo de Oliveira. A escolha de um prefaciador de renome e atento às novas poéticas mostrava que a crítica oficial, naque-



le momento, lançava um olhar interessado sobre a poesia negra brasileira, como o fizera anteriormente um estrangeiro, Roger Bastide. Por que “negrícia” em vez de negridão, ou negridad” ou ainda negrismo? A longínqua designação do mundo negro na cartografia portuguesa – “Nigrícia” – ressoava na memória do erudito Athayde? Ou o sufixo **-ícia** parecia mais suave aos ouvidos de um lusófono do que o sufixo -(i)tude, mesmo sendo este perfeitamente aceitável na língua portuguesa? Ao propor aquela significante estaria o crítico tentando ressemantizá-la a partir de conotações mais próximas de um caráter ou de uma identidade negra intensamente brasileir[a]?

Bibliografia Sugerida

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Ualalapi*. Lisboa: Caminho, 1987.

KNOPFLI, Rui. *O monhé das cobras*. Lisboa: Caminho, 1997.

LABAN, Michel. *Angola: Encontro com escritores*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1991.

LABAN, Michel; WHITE, Eduardo. In: LABAN, Michel. *Moçambique: encontro com escritores*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1998.

MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

MARGARIDO, Alfredo. *Poetas de São Tomé e Príncipe*. Lisboa: CEI, 1980.

MARQUES, Irene Guerra e FERREIRA, Carlos (org.). *Entre a lua, o caos e o silêncio: A flor (Antologia da Poesia Angolana)*. Mayamba, Luanda, 2011.

MATA, Inocência. *Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta*. Lisboa: Mar Além, 2001.

MATA, Inocência. *Ficção e história na literatura angolana: o caso de Pepetela*. Luanda, Mayamba, 2010.

TABORDA, Terezinha. *O vão da voz: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

TAVARES, Ana Paula. *O lago da lua*. Lisboa: Caminho, 1999.

TAVARES, Ana Paula. *Ritos de passagem*. Luanda: UEA, 1985.

VASCONCELOS, Adriano Botelho de et al. *Caçador de Sonhos: colectânea do conto angolano*. Lisboa, UEA, 2005.



Referências

AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escombro*: a literatura guineense e a narração da nação. 2005. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CABRAL, Amílcar. Apontamentos sobre a poesia cabo-verdiana. In: A arma da teoria: unidade e luta. *Obras escolhidas*. Lisboa: Seara Nova, 1978. v. 1.

CABRAL, Vasco. África, ergue-te e caminha! / Vasco Cabral. In: Antologia poética da Guiné-Bissau / União Nacional dos Artistas e Escritores da Guiné-Bissau. - Lisboa: Editorial Inquérito, 1990. - p. 49-50.

CHAVES, Rita, *et al.* *Mia Couto, o desejo de contar e de inventar*. Maputo, Ndira, 2010.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Breve; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1986.

FERREIRA, Manuel. *No reino de Caliban*. Lisboa: Seara Nova; Plátano, 1985.

FERREIRA, Manuel. *O discurso no percurso africano I*. Lisboa: Plátano, 1989

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. *Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa*. In: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/14767/11446>. Acessado em 20/10/2024.

HAMILTON, Russell G. *Literatura africana, literatura necessária, I*: Angola. Lisboa: Edições 70, 1981.

HAMILTON, Russell G. *Literatura africana, literatura necessária, II*: Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. Lisboa: Edições 70, 1984.

Sousa, Noémia de. *Sangue Negro*. Kapulana: São Paulo, 2016.

SEMEDO, Odete. *Em que língua escrever*. In: *Entre o ser e o amar*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1996.

TENREIRO, Francisco José. *Obra Poética de Francisco José Tenreiro*. Lisboa, 1967.

VIEIRA, Arménio. *No inferno*. Lisboa: Caminho, 2000.

VIEIRA, José Luandino. *O livro dos rios*. Luanda: Nzila, 2006.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ - UNICENTRO
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB

Literaturas Africanas em Língua Portuguesa - Dejour
Dionísio

Maria Aparecida Crissi Knuppel
Coordenador Geral UAB

Cláudia Maris Tullio
Coordenador Geral Curso

Cleber Trindade Barbosa
Coordenador Geral NEAD

Denise Cristina Holzer
Apoio Pedagógico

Ruth Rieth Leonhardt
Revisão

Murilo Holubovski
Designer Gráfico

Volkan Vardar/Pexels
Capa

Aneeque Ahmed /Nounproject
Hafiudin/Nounproject
ProSymbols/Nounproject
Ícones